

FICHA TÉCNICA

Direção
Manuela Matos Monteiro e João Lafuente

Direção artística
José Maia

Curadoria
José Maia e João Terras

Assistente de Galeria
Patrícia Barbosa

Design de capa
José Filipe Alexandre

Exposição patente até 29 de maio 2021.

ESPAÇO MIRA

Rua de Miraflor, 159, 4300-334, Campanhã, Porto
929 113 432 | espacomira@miragalerias.net
fb: [espacomirafotografia](#)
instagram: [@espacomira](#)
youtube: [shorturl.at/kmEKM](#)

Terça a sábado, das 15:00 às 19:00



onde nasce
a liberdade

ANA DEUS
ANTÓNIO LAGO
DANIEL PINHEIRO
DYLAN SILVA
DUDA AFFONSO
FELÍCIA TEIXEIRA E JOÃO BROJO
JOSÉ OLIVEIRA
JORGE LOURENÇO
AIDA CASTRO E MARIE MIRE
MAX FERNANDES
O GRINGO SOU EU
PAULO ANSIÃES MONTEIRO
PROJECTO LAB. 25
VINÍCIUS FERREIRA
SUSANA CHIOCCA
VITOR ISRAEL

curadoria de José Maia & João Terras

01
de maio
no mira

exposição patente de 25 de abril a 29 de maio

onde nasce a liberdade

Extensão de um modo de convocar e difundir Abril
Da galeria ao pátio, do digital à rádio

João Terras, Abril de 2021

Uma das mais belas frases inscritas nas paredes de Paris, em 1968, gravou-se já no final do período revolucionário de Maio. Com a cidade já morna e bêbada, descalça e a fumar, lia-se entre os carros e a parede. **“Sous les pavés, la plage!” - Por debaixo das pedras da calçada, a praia!** O que mais nos aquece no Maio de 1968 é ainda hoje sabermos que debaixo do chão que pisamos, debaixo daqueles paralelos que barricaram as ruas e que foram arremessados às tropas, está esse areal do inexplicável, essa terra virgem e selvagem, esse mundo indomável e livre, incolonizável, sem império, permeável, apolítico, associal, sociável, incansável, infindável.

“Sous les pavés, la plage!”, o mar e a areia, o horizonte.

Aquilo que mais nos agita no Maio de 68, assim como, noutra direção, energiza Abril de 74 é o sentimento vertiginoso da revolução. A revolução não nos entrega a solução, não nos oferece o compêndio ao capital, nem a ordem para a lei, não nos catequiza nem direciona para o binómio da correção, a revolução é vertiginosa, é marginal, é munda.

Para o homem imperioso e conquistador uma calçada descoberta é como um corpo nu na praça, é como um vulcão em erupção, é o indomável, o desviante, o descontrolo que o despolariza. Os romanos sempre tiveram mais medo do Vesúvio do que de Cartago, os gregos mais fantasmas com o Mediterrâneo do que com os Persas. O que tira ao humano o poder do humano é a falência das suas mãos com a areia a correr-lhes entre os dedos. Não existe maior revolução do que a revolução permanente dos corpos e da natureza.

E isto convoca-se no MIRA em mais uma celebração de Abril pois, além do sentido plural e comunitário de memorar Abril, todo o momento de revolução do princípio do fim de um tempo imperial e colonizador, estimula-nos sempre a perceber como podem, no presente,

MIRAflora + Rádio Manobras

<https://radiomanobras.pt/onde-nasce-a-liberdade>

9. Ana Deus

Portugalante, 2021

Poema de Regina Guimarães

Som, 4'38"

9. João Brojo e Felícia Teixeira

O Povo, 2021

Som, 3'11"

9. José Oliveira

Inevitabilidade ou conselhos de um amigo, 2021

Som, 2'10"

9. Paulo Ansiães Monteiro

Glossolábia, 2021

Neologismos, Som, 2'56"

9. Susana Chiocca

Ai, 2021

A partir de texto original de António Lago & Susana Chiocca

Gravação e pós-produção: João Ricardo

Vozes: António Lago & Susana Chiocca

Som, 1'56"

9. O Gringo Sou Eu

Concerto, 45'

9. João Ricardo e Alberto Lopes

Concerto, aprox. 30'

MIRA ON

mostra videoarte YouTube

Aida Castro e Maria Mire

Daniel Pinheiro | Duda Affonso

Max Fernandes | Vinícius Ferreira

O futuro corre para nós a grande velocidade

mostra de criações digitais
ciclo de conversas online, 21h30

6 maio | **André Sousa**

com José Maia e João Terras

13 maio | **Nuno Ramalho**

com José Maia

20 maio | **Aida Castro e Maria Mire**

com Rita Castro Neves

27 maio | **Susana Gaudêncio**

com Mafalda Santos

03 junho | **Daniel Pinheiro**

com Samuel Guimarães

10 junho | **Silvestre Pestana**

com Max Fernandes

17 junho | **António Lago e**

Susana Chiocca com João Terras

Ao centro do espaço, um duplo de projeções, **Brio** de **Vinicius Ferreira** e **Margarida Tengarrinha** de **Max Fernandes**. Da ficção ao comentário, o realismo tem paredes leves e Brio traz-nos o caçador pela presa, numa captura de imagem em contínuo, de um corpo algemado numa sala fechada onde domínio e controlo permanecem como mantra de uma condição impossível. Do outro lado do véu, trinta e dois minutos de Margarida Tengarrinha ou mesmo que 92 anos de militância, ativismo, mulher e corpo em velocidade pela sombra e fuga. Professora, artista, política e revolucionária, desde os anos de 1950 ao lado dos movimentos do Partido Comunista Português, e de livre e independente pensamento, encontrou na cópia, na imagem, na edição e na produção de conteúdos gráficos, a difusão de um pensamento em resistência, precioso e poético sentido revolucionário este da clandestinidade da verdade.

Entre o centro da galeria e a flora do pátio, situam-se dois olhares microscópicos numa abstração das formas para acedermos à falência do tempo e do real. Em três “acidentes”, ecrã, parede e online, **Aida Castro e Maria Mire**, como dupla, perseguem uma visão estereoscópica, em diferentes tempos, lenta e aproximada de um vulcão em erupção.

Ligação entre micro e macro escala, tornando a catarse monumental em algo da espessura da derme, tornando a natureza em corpos, a explosão em fluidos, a natureza como corpos, ligados.

Num mesmo espetro, só que sobre uma outra espessura da imagem à luz e, por isso em movimento, instala-se **Azimute** do **Colectivo Lab.25**, uma escultura-película em binómio luz-tela, que surge a partir de um

arquivo de slides encontrados na antiga fábrica Fogões Meireles na zona do Bonfim. O tempo da cidade e a falência do território são convocados pela casualidade irónica, aleatória de um arquivo encontrado no interior ruinoso da antiga fábrica. Imagens em slide de diferentes tipologias diluem-se pela microbiótica do tempo, e o coletivo expandiu as imagens à potência nefasta dessa degradação, ampliando duas delas possibilitando, assim, pela abstração, o sentido de representarmos e olharmos um território através da ficção e idílica realidade das imagens.

No Banquete de Platão era o amor, no de **Duda Affonso** também, mesmo que esteja entregue ao tempo. Com esta natureza morta composta por fruta-feia recolhida em Miraflor e arredores, a artista sintetiza as linhas de tempo, memória, durabilidade e passado pelas quais caminhamos anteriormente aumentado a sua escala ao tempo do orgânico e do vital. O Banquete é este, e pensar no alimento aqui é também pensar no sentido do sentar à mesa, do beber, de quem serve, de quem come. O tempo é o da fruta.

Ainda no exterior, temos acesso ao som que se expande ao corpo da rádio, ao imaterial e invisível, é como continuar a murmurar ao ouvido de um amigo, é como ainda comunicar no incontrolável espaço do ar, aquele que ainda não conquistamos mas que tentaremos erguer a tempo de o colonizar. Desde pelo menos o início do século passado, foi pela rádio que fugimos, indescritível e encriptada e indecifrável história do ar e da rádio, da matéria do intocável, do “escapável”. **José Oliveira, Felícia Teixeira e João Brojo, Ana Deus** (poema de Regina Guimarães), **Susana Chiocca e Paulo Ansiães Monteiro**, difundem.

Espaço MIRA

1. Jorge Lourenço

Não poder nem dever, 2021
Escultura: metal e vidro
66x180x35 cm

2. Dylan Silva

Sem Título, 2021
Pintura instalação, ecoline s/ papel
Dimensões variáveis

3. Vítor Israel

Glória II, 2021
Glória I, 2016
Guerra e Paus I e II, 2015
Pintura escultura: acrílico sobre madeira
Dimensões variáveis

4. Vinícius Ferreira

Brio, 2021
Vídeo, Full HD, cor, som mono, 6'20"

5. Max Fernandes

Margarida Tengarrinha, 2019-2021
Filme, cor, som, 32'

6. Aida Castro e Maria Mire

Vulcanismo: *Acidente 2*, 2021
Projeção vídeo HD, cor, 2'29"
Acidente 3, 2021
Vídeo HD, cor, 1'5"

7. Coletivo Lab.25

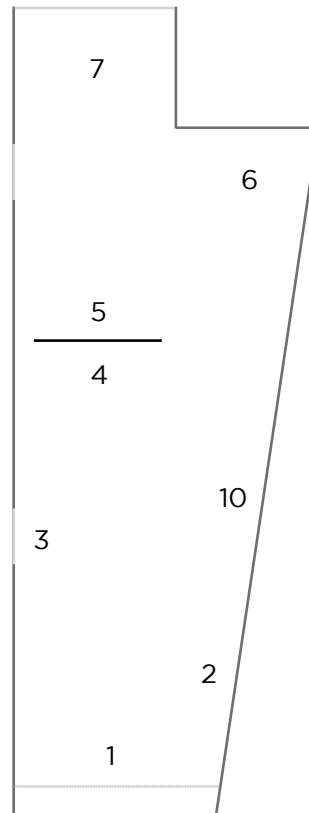
Azimute, 2021
Vidro, impressão em vinil, ferragens,
lâmpadas tubulares LED, circuito elétrico
133x70x93 cm

10. Daniel Pinheiro

Measurability, 2021
Video performance, 45'

9

8



8. Duda Affonso

Um banquete à decadência:
a coisa no tempo, 2021
Instalação com objetos orgânicos
e inorgânicos
(frutas, flores, mesa, lata)
Dimensões variáveis



Um banquete à decadência:
notas sobre o fim, 2017-2021
Vídeo: cor som, 7'

os corpos existirem em revolução, vertiginosamente indomáveis, submetidos a esse chão de areia. Memora-se, sendo-se.

Em 2021, o MIRA dilui o corpo de exposição aos sacrilégios dos meios e espaços de leitura e apresentação. Como num tempo de clandestinidade, socorremo-nos do sussurro e do ouvido, comunicamos pelos lugares do calabouço, difundimos como cópias, estendemos ao encriptado, acedemos ao proibido, até ao ponto em que a forma se dilui num tempo maior que o tempo, num espaço maior que o espaço, plural e intratável. Da galeria ao pátio, da rádio ao digital, aquilo que damos a ver torna-se poroso, periférico, líquido.

Abrimos a galeria com os corpos líquidos de **Dylan Silva**, cuja prática nos tem habituado a um olhar continuado do corpo aos corpos, retratos plurais, de para quem o desenho é o gesto matricial da visão e do tato. Expandido o pequeno formato, os corpos ilustrados nas folhas e cadernos, esculpem agora na parede da galeria como películas de um desenho maior mas que ainda é desenho, ainda da escala da mão. Qualquer corpo desenhado é por isso indomável.

Face aos corpos de Dylan, erguem-se as esculturas de **Vítor Israel**, fálicas e agrestes. Armas e armadas, convoca-nos à origem da guerra como Coubert pintou "a origem do mundo". Essa prepotência heroica das formas, ainda que sejam testemunhos de uma virilidade neoplástica e abstrata, a possante figuração que lhes possamos adivinhar é encadeada de uma delirante ironia flácida. Encandeamento falível, tal qual o que **Jorge Lourenço** apresenta ao projetar uma escultura-instalação que, convocando as especulações dos modos vernaculares de agir sobre a arquitetura e território, não conseguem atingir o seu fim. O muro de vidros em degradé cromático é um símbolo do que é ser um muro num território que se quer de vizinhança.